

Narrativas sobre a Diáspora Africana: um site educativo para a construção do conhecimento histórico a partir da trajetória de africanos em sala de aula

Narratives about the African Diaspora: an educational website for building historical knowledge from the trajectory of Africans in the classroom

Carolina Corbellini Rovaris¹

Resumo

Este trabalho visa apresentar uma proposta didática resultante da pesquisa intitulada “Narrativas sobre a Diáspora Africana no Ensino de História: trajetórias de africanos em Desterro/SC no século XIX”. O objetivo da mesma era discutir a construção do conhecimento histórico por meio da produção de narrativas sobre populações de origem africana em Desterro/SC no século XIX, possibilitando aos estudantes evidenciarem e conhecerem a agência destes sujeitos ao longo dos processos históricos. Assim, através da análise de documentos históricos do período, aliada a uma ampla discussão bibliográfica atual sobre a temática, foi produzido um site educativo, o “Narrativas sobre a Diáspora Africana” (<http://trajetoriasdadiaspora.com.br/>). Este artigo apresenta o desenvolvimento do site e suas possibilidades de trabalho em sala de aula.

Palavras-chave: Narrativa, site educativo, Conhecimento histórico.

Abstract

This paper aims to present a didactic proposal resulting from the research entitled “Narratives on the African Diaspora in History Teaching: trajectories of Africans in Desterro/SC in the 19th century”. The objective of it was to discuss the construction of historical knowledge through the production of narratives about populations of African origin in Desterro/SC in the 19th century, enabling students to highlight and know the agency of these subjects throughout the historical processes. Thus, through the analysis of historical documents of the period, coupled with a broad current bibliographical discussion on the subject, an educational website was produced, the “Narratives on the African Diaspora” (<http://trajetoriasdadiaspora.com.br/>). This article presents the development of the site and its working possibilities in the classroom.

Keywords: Narrative, educational website, Historical knowledge.

Introdução

O site educativo Narrativas sobre a Diáspora Africana surgiu a partir de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/UEDESC, intitulada “Narrativas sobre a Diáspora Africana no Ensino de História: trajetórias de africanos em Desterro/SC no século XIX”. O objetivo da mesma era discutir a construção de narrativas

¹ Mestre em Ensino de História. Professora de História na escola Centro de Educação Aprender Brincando. E-mail: carolcrovaris@gmail.com.

no ensino de História sobre populações de origem africana em Desterro/SC no século XIX, possibilitando aos estudantes evidenciar e conhecerem a agência destes sujeitos ao longo dos processos históricos.

A proposição deste site teve como pressuposto a ideia de que na escola, muito mais do que transmitir informações, há uma construção do conhecimento histórico na relação de ensino-aprendizagem entre professores e alunos. Considero que a disciplina de História tem como objetivo desenvolver nos estudantes a capacidade de pensar criticamente sobre aquilo que está posto ao seu redor, fazendo conexões entre acontecimentos do passado e do presente. Estas conexões são, também, realizadas a partir da leitura e interpretação de documentos históricos, nas quais o estudante utiliza ferramentas de investigação próprias do saber histórico com a orientação do professor.

Tínhamos em mente um questionamento: como trabalhar com trajetórias individuais em sala de aula, visando um ensino de História mais sensível às experiências dos sujeitos? Assim, as fontes da pesquisa e da proposição do site educativo referiam-se às trajetórias de quatro africanos¹ que viveram em Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis/SC) no século XIX: Augusto, Francisco de Quadros, Manoel Luiz Leal e Antonio da Costa Peixoto². Por meio da análise destas é possível traçarmos modos de viver, de agir e de pensar destes sujeitos neste período.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo apresentar as estratégias e encaminhamentos que tornaram possível a proposta de construção de um site educativo sobre trajetórias de africanos.

A Construção do Conhecimento Histórico por meio de Narrativas

A perspectiva de ensino de História que tomamos por base é centrada na ideia de que a construção do conhecimento histórico se dá por meio da investigação do passado e do presente. De acordo com Clarícia Otto (2013), a aprendizagem se dá quando o estudante apreende os métodos de pesquisa e dá significado àquilo que escreve ou lê a partir de uma dada interpretação da história. Com isto, o professor orienta e cria possibilidades para que o aluno desenvolva seu pensamento histórico a partir de ferramentas próprias do campo historiográfico, ao que Maria Auxiliadora Schmidt (2009) denomina de cognição histórica situada.

Isto significa que ao se debruçar sobre o Processo de Autos de Arrecadação dos Bens de Manoel Luiz Leal, por exemplo, os estudantes darão significado à leitura deste documento

a partir de questões elaboradas para ele, problematizando conceitos e o contexto do passado, e por fim, construir uma narrativa verossímil que encadeia as experiências de Manoel, evidenciadas pelos rastros deixados pela documentação.

Como afirma de maneira poética Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), a arte de escrever a História está na narrativa: é a partir da consulta de arquivos que o historiador compila um conjunto de textos e imagens deixadas pelas gerações passadas, para então revê-los e analisa-los a partir dos problemas do presente e de novos pressupostos. As evidências extraídas da documentação são resultado das perguntas que se fazem a ela.

Eu diria que assim o é, também, a construção do conhecimento histórico em sala de aula: ao fazer a leitura de documentos históricos, os estudantes transformam sua textualidade a partir da linguagem que lhes é característica, fazendo relações entre presente e passado, questionando a partir das suas próprias vivências e olhar de mundo determinadas experiências ou acontecimentos. Evidentemente, uma narrativa histórica não é um texto ficcional, como lembra Durval Albuquerque Jr. (2007), pois está fundamentada em evidências e rastros documentais. Mas mobilizar dados, informações e relatos em uma trama é um exercício de interpretação, característica do campo historiográfico, e uma pitada de imaginação.

Assim, a narrativa pode usufruir de recursos literários, como diálogos e metáforas, aproximando a escrita historiográfica de um fazer artístico para que o enredo de uma trajetória ganhe vida e significado. Produzir narrativas sobre as vivências de africanos na diáspora³ e trabalha-las em sala de aula se apresenta, portanto, essencial para explorarmos as potencialidades do passado como um espaço de experiências diversas, nas quais as populações de origem africana participaram ativamente construindo suas histórias.

É por meio da narrativa que a aluna ou o aluno consegue se orientar temporal e espacialmente, dar significado ao passado e relacioná-lo com o presente. Ou seja, é a partir da narrativa que podemos complexificar a consciência histórica⁴. Conforme afirma Maria Auxiliadora Schmidt (2008, p. 82), “isso é viável porque as narrativas são produtos da mente humana e, por meio delas, os sujeitos envolvem lugar e tempo, de uma forma aceitável para eles próprios”.

Uma narrativa histórica composta por uma temática, um recorte cronológico, atores e episódios, que juntos se tramam para desvendar conflitos, negociações e experiências do passado, tem muito a contribuir para a compreensão e aprendizado histórico em sala de aula (SCHMIDT, 2008).

A narrativa, portanto, nos aparece como um método de aprendizagem que busca apresentar aos alunos um problema histórico a ser desvendado e trabalhar conceitos fundamentais do campo da história que fogem da simples repetição mecânica de conteúdos predeterminados em sala de aula (OTTO, 2013). Sendo assim, ao ser explorada como ferramenta de ensino, tem como objetivo contribuir para a compreensão das experiências do passado que, nas palavras de Schmidt (2008), torna ativo o pensamento de quem aprende. Isto porque possibilita desenvolver com o aluno a interpretação e a problematização do passado e presente.

Narrativa, letramento e o ciberespaço: a proposta de um site educativo para ensinar e aprender história

A narrativa se torna um espaço de compreensão, lugar em que o narrador torna o mundo compreensível, quando utilizada como ferramenta no ensino de História. Ao lidar com a língua escrita o estudante opera e transforma sua consciência histórica. Parte-se do pressuposto que um ensino de História integrado ao ensino da língua escrita, visando o letramento do estudante, poderá promover a inserção social do indivíduo e favorecer o seu desenvolvimento crítico. Por tal razão, como afirma Magda Soares (2004), no contexto escolar, o letramento se torna um processo, não um produto.

Letramento, por sua vez, compreende a condição daquele que aprendeu a ler e a escrever e utiliza destas habilidades para conviver socialmente, uma vez que a linguagem “traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la.” (SOARES, 2004, p. 17).

Neste sentido, compreendemos que apreender as habilidades de escrita e leitura é diferente de aprendê-las. Aprender a ler e escrever significa codificar e decodificar uma língua escrita; apreendê-las, por outro lado, pressupõe se apropriar destes mecanismos, utilizando-os socialmente, isto é, de maneira a ajudá-lo a responder as demandas sociais do meio em que vive. O sujeito passa, então, a ocupar uma condição social e cultural diferente daquela de quando era iletrado: está inserido ativamente na sociedade, modificou suas relações com os outros e com o seu espaço de atuação, uma vez que é a partir da linguagem e de seus usos que ele compreende a si mesmo e o seu contexto.

As práticas de leitura e de escrita, portanto, são dois constituintes heterogêneos que coexistem no processo de letramento. Devemos considerar que cada um destes elementos é composto por um conjunto de habilidades diferentes.

Validamos e reconhecemos a importância da língua escrita e do seu desenvolvimento no processo de aprendizagem escolar, uma vez que esta forma de linguagem se apresenta, no mundo ocidental, como modo privilegiado de pensamento e veículo da produção de significação. No entanto, é necessário refletirmos sobre a multiplicidade de linguagens e leituras que as tecnologias da inteligência e informação proporcionam aos processos de aprendizagem e de convívio no século XXI.

Conforme aponta Michel Serres (2013) os jovens estudantes desta nova era habitam o real e o virtual. Relacionam-se de maneira integrativa entre estes dois mundos, de forma que não há como separá-los. As ciências cognitivas demonstram que o uso da internet como meio de manipular, transformar ou criar informações não ativam os mesmos neurônios que aqueles utilizados com o uso do livro, do quadro ou do caderno. Desta forma, o acesso e a circulação de saberes migraram de um espaço delimitado métrico para um espaço sem fronteiras e constantemente disponível.

Para o autor, isso modifica também a relação aluno-professor. Se antes este era considerado o porta-voz dos saberes, detentor do conhecimento, aquele que tem a autoridade para subir ao palco e falar do que sabe; agora o aluno se encontra numa posição em que a mobilidade e acesso rápido a diversas informações lhe oferecem possibilidades de por si só construir conhecimento sobre algo. O ato de ler, decifrar códigos e interpretar narrativas já não é mais o mesmo. Por outro lado, a intervenção e a orientação do professor são fundamentais para propor aos estudantes desafios e reflexões acerca de ideias pré-estabelecidas que reproduzem e ressignificam a partir de uma variedade de informações disponíveis na internet.

O conceito de leitura, como nos explica Lucia Santaella (2013) vem se expandindo ao longo dos processos históricos pelos quais passaram a humanidade. Junto com ele, conseqüentemente, a ideia de letramento também vem sendo discutida. Para ela, a variedade de leitores existentes atualmente

resulta do fato de que, desde os livros ilustrados e, depois com os jornais e revistas, o ato de ler passou a não se limitar apenas à decifração de letras, mas veio também incorporando, cada vez mais, as relações entre palavra e imagem, entre o texto, a foto e a legenda, entre o tamanho dos tipos gráficos e o desenho da página, entre o texto e a diagramação. [...]. Conseqüentemente, não há por que manter uma visão purista da leitura restrita à decifração de letras. (SANTAELLA, 2013, p. 266-7).

Diante desta afirmação, podemos relacionar o ato de ler com o aprender História: a análise de gráficos com dados estatísticos, imagens relacionadas, fotografias que dialogam com textos, a ênfase que se dá a certos trechos sublinhados ou negritados, vozes que dão entonação a uma história; também precisam ser interpretados para os compreendermos historicamente e, portanto, se configuram todos como práticas de leitura.

Neste sentido, em sala de aula ao prepararmos atividades para os estudantes é fundamental nos indagarmos que tipo de leitura gostaríamos que os mesmos desenvolvessem e, ainda mais importante segundo Santaella (2013), investigar qual o perfil cognitivo dos leitores estudantes com os quais estamos trabalhando. A autora aponta quatro tipos de leitores, categorizados para diferenciar os processos de leitura ao longo do tempo, tendo como base as habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que compreendem o ato de ler.

O primeiro leitor é o contemplativo, meditativo da idade pré-industrial cujo ato de ler estava restrito ao livro impresso e a imagem expositiva-fixa. Por tais razões, a leitura se caracteriza como um processo individual, solitário e silencioso. Santaella (2004) salienta ainda que este ato de ler privilegia processos de abstração e conceitualização do que está escrito.

O segundo tipo de leitor é o movente, que emerge no contexto da industrialização, da aceleração e fragmentação das coisas. Para acompanhar tais transformações este leitor é mais fugaz e ajusta-se às novas linguagens efêmeras e ágeis da modernidade. Além do livro e da imagem fixa, nas cidades começam a surgir publicidades de rua, sinais e mensagens que regem o mundo urbano para o seu bom funcionamento dentro dos critérios capitalistas modernos. Isto não quer dizer que o leitor contemplativo desapareceu, mas este agora convive e transforma-se neste novo tipo que tem de se adaptar a aceleração do mundo moderno. Mais tarde, com o ritmo cinematográfico e audiovisual, este leitor vai adquirindo condições de transitar rapidamente de uma linguagem a outra, realizando processos de associação entre diferentes formas e formatos.

O terceiro tipo de leitor nasceu no que chamamos de era digital, quando a digitalização de informações e a compressão de dados permitiu que qualquer signo pudesse ser recebido e difundido via computador. Junto com a telecomunicação, a informática permitiu que esses dados não ficassem restritos a um espaço fixo e fechado, mas disponíveis a um clique de mouse. Lucia Santaella (2004, p. 271) chamou este leitor de imersivo, pois é no espaço de navegação informacional da internet que ele “conecta-se entre nós e nexos, seguindo roteiros multilineares, multissequenciais e labirínticos que ele próprio ajuda a construir ao interagir com os nós que

transitam entre textos, imagens, documentação, músicas, vídeo etc.”. Este leitor é livre para perambular de uma informação a outra, estabelecendo sua própria ordem de interpretação e sentido, pois ao invés de uma leitura prescrita de página a página como no livro impresso, surge uma ordenação associativa que só pode ser feita dependendo do ato de leitura do próprio indivíduo.

O leitor imersivo tem, portanto, como principal característica a navegação interativa no ciberespaço. Este refere-se, nas palavras de Santaella (2004, p. 45) a “um sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e os computadores em uma relação simbiótica que cresce exponencialmente graças à comunicação interativa”. Isto significa compreendê-lo como um espaço informacional multidimensional que se abre quando o usuário se conecta com a rede, manipulando e transformando os fluxos codificados de informação. A existência e construção do ciberespaço depende, assim, da atuação do usuário. O leitor é imersivo porque entrar no ciberespaço significa imergir na rede.

Outro conceito importante para compreendermos este leitor é o de usuário. Lucia Santaella (2004) faz uso deste para caracterizar as diferenças entre aqueles indivíduos que navegam pela internet, ampliando as formas de compreender o letramento no ciberespaço. Existem três tipos de usuários: o novato, o leigo e o experto. O primeiro é aquele que não tem intimidade com a rede, portanto tudo é novo para ele. Geralmente, segue um único e mesmo caminho na rede para alcançar aquilo que deseja. O segundo já conhece melhor a rede e memorizou alguns caminhos específicos, contudo não tem domínio total de navegação no ciberespaço como o terceiro usuário, o experto. Este desvenda códigos da rede e encontra novos caminhos ao mínimo sinal que aparece na tela.

A partir desta abordagem de Lucia Santaella podemos refletir e problematizar o quanto o modelo de escola vigente hoje ainda tem como foco o leitor contemplativo e em alguns casos, o leitor movente. Como a própria autora afirma, não se trata de excluirmos um ou outro tipo de leitor, mas de incluir todos sem hierarquizá-los no espaço escolar. Este é o desafio para a educação do século XXI: levar em consideração a perspectiva da diversidade, incluir as diferenças. É o desafio de pensar o espaço da escola e seu público, em um país com histórias e culturais plurais.

Tendo isto em vista, a proposta pedagógica que resultou do desenvolvimento da pesquisa realizada no ProfHistória é um site educativo, no qual o leitor terá acesso a diferentes mídias e propostas de atividades para a construção de narrativas históricas. A escolha de um

site como formato do produto da dissertação parte de dois pressupostos. Consideramos que este meio apresenta uma maior facilidade de acesso em tempo e espaço que algo impresso. Há, também, a possibilidade de criar no ciberespaço uma linguagem hipermidiática coerente com o conceito de rede de relações que é o cerne da conexão entre os sujeitos personagens das narrativas da temática pesquisada. O estudante ou professor que acessa o site, pode escolher o caminho que será percorrido para compreender o contexto histórico que permeia as experiências dos sujeitos estudados. Para cada caminho, narrativas diferentes poderão surgir. Trata-se, portanto, de leitores imersivos.

O site também propõe o letramento digital dos variados usuários que se encontram como estudantes em sala de aula. O letramento, então, ganha diferentes proporções: aqui significa a apropriação e domínio das ferramentas disponíveis em tecnologias digitais. Além de navegar no site, a proposta é que o estudante construa diferentes caminhos na rede e a partir deles diversas narrativas que deem sentido às experiências dos sujeitos estudados.

Há, também, a possibilidade de criar no ciberespaço uma linguagem hipermidiática coerente com o conceito de rede de relações que é o cerne da conexão entre os sujeitos personagens das narrativas da temática pesquisada. O estudante ou professor que acessa o site, pode escolher o caminho que será percorrido para compreender o contexto histórico que permeia as experiências dos sujeitos estudados. Para cada caminho, narrativas diferentes poderão surgir.

A linguagem proposta pelo site e, de maneira geral do ciberespaço, é a hipermídia que por sua vez, é uma hibridização de linguagens, como afirma Santaella (2004). Ela existe dentro de um ambiente de informação digital, na qual integram-se diferentes mídias, sejam elas textos, imagens e sons, entre outras. Se retornamos ao tema do letramento, se faz fundamental como prática escolar incluir a hipermídia como nova forma de interpretar e ler o mundo.

Ao digitar o endereço do site em seu computador (<http://trajetoriasdadiaspora.com.br/>), o estudante ou professor visualizará uma página que apresenta como plano de fundo uma pintura de Desterro/Florianópolis no século XIX e terá como guia da navegação, Augusto, um dos sujeitos da pesquisa. Uma vez escolhido o ponto para o qual o personagem se moverá, o leitor terá acesso a uma rede de relações e de mídias que o levará à exploração de outros conceitos sobre a temática e propostas de atividades. A partir da leitura de textos do passado que evidenciam as experiências dos sujeitos da pesquisa, podemos desenvolver com o estudante as habilidades de compreender os conceitos históricos da temática. Ao relacionarmos textos

com imagens, desenvolvemos a interpretação e associação entre diferentes linguagens, que dão outro sentido às experiências do passado.

Para além das propostas didáticas presentes no site, os próprios personagens, a rede pela qual estão conectados e as imagens podem ser utilizadas pelo professor como forma de investigação ou problematização. Augusto (figura 1), Manoel (figura 2), Antonio (figura 3) e Francisco (figura 4) foram desenhados de acordo com o que a documentação nos deixou de pistas acerca deles. As ilustrações estão na página seguinte.

Suas vestes estão arroladas nos autos de arrecadação de bens ou inventário, sendo que, em sua maioria, inclusive as cores de cada uma são apontadas. Os objetos que acompanham Augusto (o banquinho) e Manoel (violão e a imagem de Nossa Senhora), são destacados nos documentos e têm relação com suas experiências.

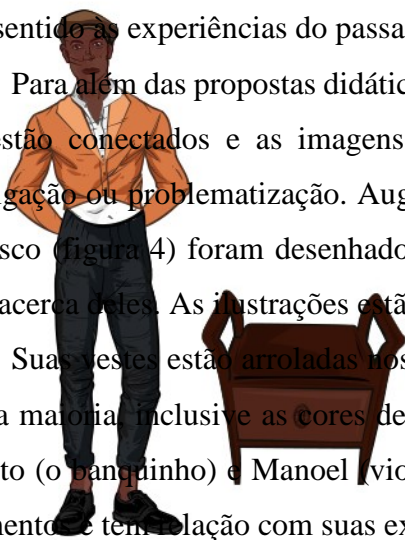


Figura 1 – Ilustração de Augusto

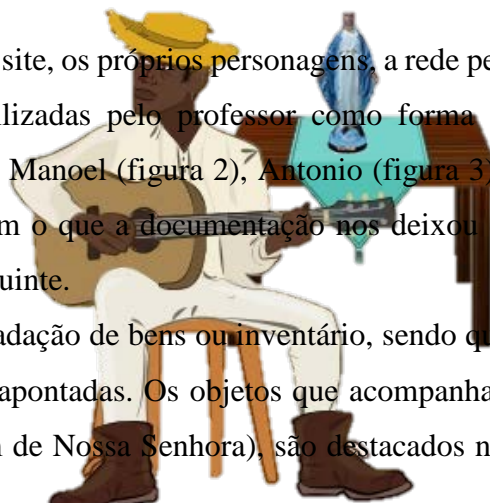


Figura 2 – Ilustração de Manoel

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

O professor poderá instigar os alunos a perceber de forma mais atenta os detalhes. As marcas que Augusto traz no rosto, que segundo a documentação se referiam ao seu local de procedência. A maneira como seus corpos e posturas estão representados, que se relacionam aos seus ofícios ou trabalhos realizados na cidade de Desterro. Para Antonio, especificamente, as marcas do tempo em seu rosto, pelo fato de já ter alcançado certa idade.

A comparação entre as vestes dos diferentes personagens também se configura como uma atividade de análise: quais espaços cada um destes homens ocupava naquele território e como este fator pode ser evidenciado pelas roupas que possuíam.

Figura 3 – Ilustração de Antonio

Figura 4 – Ilustração de Francisco



Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

A aquarela que se tornou plano de fundo do site representa a cidade de Nossa Senhora do Desterro, espaço no qual nossos personagens viviam, de autoria de Jean-Baptiste Debret, datada de 1827. Ela própria também pode ser objeto de análise: o que mais se destaca na obra? Que estruturas são possíveis de identificar e qual sua relevância para o contexto de estudo? As atividades presentes nos pontos de navegação dos personagens, em alguns momentos, propõem ao estudante fazer esta leitura.

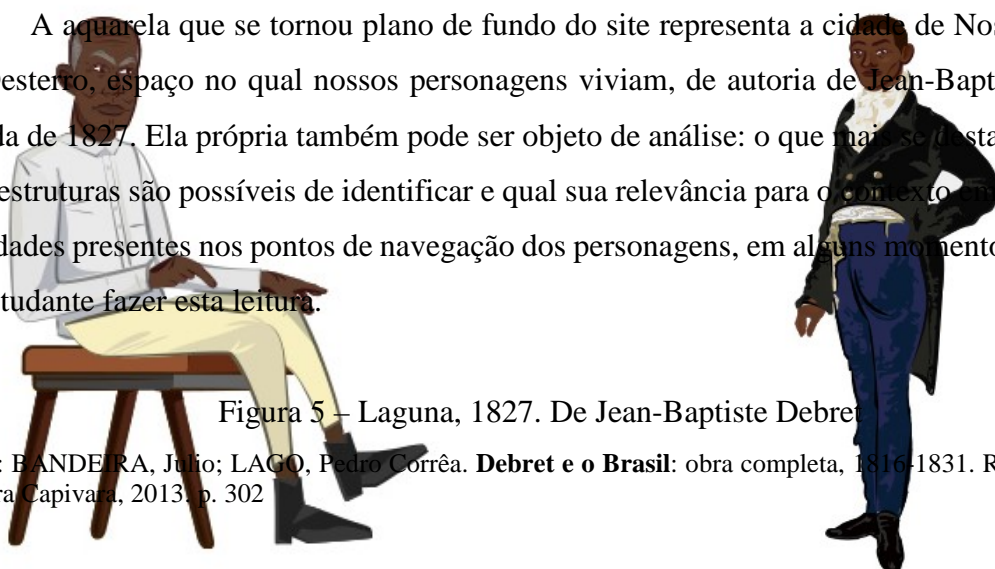


Figura 5 – Laguna, 1827. De Jean-Baptiste Debret

Fonte: BANDEIRA, Júlio; LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil**: obra completa, 1816-1831. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2013. p. 302

Para cada ponto de navegação presente na página inicial do site, Augusto vai ao encontro de outro personagem: Francisco, Manoel, Antonio ou o porto de Desterro. Ao clicar nestes pontos, o usuário irá se deparar com uma introdução da proposta didática. Se quiser avançar por este caminho, há uma indicação para descobrir mais sobre o seu cotidiano no botão Leia Mais.

A página que se abrirá em seguida, contém um desenho do respectivo personagem e uma sequência de etapas de análise e investigação de diversos tipos de documentos para que o estudante descubra o significado de determinado conceito e construa uma narrativa verossímil para a sua trajetória. Com cada personagem, a aluna ou aluno será instigado a refletir sobre um conceito importante para o estudo do tema geral Africanos na Diáspora. De um tema global, com o estudo de conceitos de segunda ordem, passamos para a pesquisa de uma temática local, a partir do cotidiano específico de sujeitos que viviam em uma ilha no sul do Brasil em meados do século XIX.

Augusto e o conceito de Identidade

Como guia de navegação do site, um dos pontos traz informações e documentos sobre o cotidiano de Augusto. Para este personagem, o conceito trabalhado é o de identidade. Esta proposta didática tem quatro etapas, que são apresentadas após uma breve explicação para o usuário de como a atividade funcionará:

Você sabia que para escrever a história, historiadores fazem análise de documento? Eles reúnem textos do período que estão estudando e a partir deles fazem interpretações do passado. Esta será a sua tarefa: desvendar as pistas da documentação e criar uma narrativa para contar a história de Augusto. Para isto, siga as etapas abaixo. Quando tiver reunido todas as pistas possíveis, é hora de criar sua narrativa!
Augusto foi um africano que viveu na cidade de Nossa Senhora do Desterro, que hoje é chamada de Florianópolis, na metade do século XIX. Assim como outros homens e mulheres vindos da Costa da África, Augusto tinha várias **identidades**. (ROVARIS, 2018)

Em nenhuma etapa o estudante encontrará o significado literal deste conceito. Se o objetivo da proposta é que ele mesmo construa conhecimento histórico a partir do estudo de uma trajetória, o necessário é que ele encontre ferramentas e subsídios para chegar a uma

conclusão. Daí a importância da mediação do professor ou professora, para que estimule o processo de aprendizagem com questionamentos e problematizações ao estudante.

Os documentos analisados para a escrita da trajetória de Augusto nos trazem pistas acerca de suas várias identidades e dos processos de identificação (HALL, 2003)⁵.

Para o início das atividades, a primeira etapa consiste em descobrir a caracterização de Augusto registrada pelas autoridades, com quem e onde morava em Nossa Senhora do Desterro. Uma fotografia de um trecho do inventário de nosso personagem convida os estudantes a desvendarem a caligrafia do escrivão e apontar estas informações. Logo em seguida, há um mapa do Bairro da Figueira, no qual consta a rua em que Augusto residia. O estudante deverá identifica-la.

Além do proposto, o objetivo com esta primeira etapa é que o estudante possa ter contato com um documento da época e debater com os colegas sobre as ferramentas que o historiador utiliza em sua pesquisa e para escrever a história. As fontes registram traços de uma realidade passada, muitas vezes, permeada pelas experiências e expectativas de quem as escreve, não dos personagens dos quais tratam. O caso de nossos sujeitos é exemplo deste fator: não foram Augusto, Manoel, Antonio e Francisco a escreverem sobre si mesmos. Mas escrivães, juízes, delegados; com base em relatos de pessoas do seu convívio ou de procedimentos legais para o desenvolvimento dos processos em aberto.

São os questionamentos que fazemos às fontes, o cruzamento com outros documentos e o estudo de pesquisas já realizadas sobre o tema, que nos permitem escrever as histórias destes sujeitos, por meio de uma análise a contrapelo, como sugere Benjamin (1994) e um método atento aos indícios, como propõe Ginzburg (1989). É a partir deste olhar que o professor ou professora deve orientar os estudantes a seguirem as pistas para a construção de suas narrativas.

Augusto é caracterizado como *preto, africano, de nação Mina*. Assim, selecionamos trechos de seu inventário, nos quais pessoas conhecidas de Augusto o descreveram para o Juízo de Órfãos e Ausentes. Após cada trecho, há uma breve explicação sobre as denominações utilizadas correntemente no século XIX. No entanto, a associação entre os rastros do documento e a explicação será feita pelo estudante. Para esta etapa, é sugerido que o estudante crie uma lista das possíveis identidades do personagem e quais seus significados.

A terceira etapa traz o depoimento de Joaquim, um dos companheiros com quem Augusto dividia a casa na rua da Palma. Foi ele quem o identificou como *preto Mina*, por conta das marcas que carregava consigo e da língua que falava⁶. Neste momento, a proposta é que o

estudante analise uma obra do período que retrata as faces de diferentes africanos com escarificações, do pintor Jean-Baptiste Debret⁷. Acompanha a gravura uma breve explicação sobre o que seriam tais marcas. Então, o estudante poderá refletir se era possível que Joaquim estivesse se referindo a isto, ao mesmo tempo em que observa atentamente como o personagem Augusto foi desenhado ao lado.

Este é um dos momentos em que o professor ou professora pode entrar em cena: discutir com alunos e alunas que esta gravura não representa uma verdade absoluta. Mas é uma representação de sujeitos a partir do olhar do outro, um ponto de vista sobre a realidade (GINZBURG, 2002). É provável que o pintor trouxe à tela aquelas características que considerou mais interessantes. Ainda assim, os indícios destes documentos nos permitem traçar vivências ou aspectos de visão de mundo de determinado sujeito ou sociedade. Para isto, é necessário um olhar atento e uma leitura nas entrelinhas (BENJAMIN, 1994). Outras pinturas e gravuras estarão presentes na análise da trajetória dos outros personagens, portanto, o olhar deverá ser o mesmo.

Por fim, a quarta etapa diz respeito ao objeto que está ao lado de Augusto em sua representação: o banquinho com gaveta. Dentro dele havia certa quantia em dinheiro, considerada alta para um africano que vivia em Desterro naquele período. Para descobrir uma possível identificação do personagem relacionada a este fator, sugerimos que o estudante releia os trechos do inventário das outras etapas para evidenciar com o que Augusto trabalhava para poder guardar tamanha quantia. Afinal, suas qualidades como trabalhador também acabaram por definir sua identidade.

A partir destas pistas, o estudante terá informações e instrumentos necessários para construir uma narrativa sobre a trajetória de Augusto. Mas os rastros da documentação não se encerram com estas etapas. Em momentos específicos da atividade, sugerimos que o usuário vá até a trajetória de outro personagem para descobrir mais sobre determinado conceito ou contexto que aparece na documentação de Augusto. Assim, as histórias dos quatro protagonistas deste trabalho estão interconectadas e nos possibilitam construir imagens e experiências possíveis deste passado.

Salientamos ainda que o papel do professor como mediador neste processo de construção de conhecimento é essencial. A atividade pode ser realizada independentemente de uma explicação prévia sobre o tema. Mas ao resgatar o conteúdo, trazer outras histórias e questionamentos, o professor torna a aprendizagem mais complexa e incita os estudantes a

desenvolverem seu pensamento histórico. É provável que durante a criação da narrativa ou das atividades propostas pelas etapas, os estudantes façam perguntas ou outras hipóteses que não estão presentes. Cabe ao professor, então, a função de leva-los além do que já está pré-estabelecido.

Manoel e o conceito de Experiência

Outro ponto de navegação tem como personagem Manoel. O encontro entre ele e Augusto tem a seguinte apresentação:

Manoel Luis Leal possuía um par de botinas. Mas o que este detalhe pode significar para nosso personagem? Usar sapatos, para homens como Manoel, significava que ele era uma pessoa livre. Suas botinas já estavam em mau estado, de certo por as ter usado por muito tempo. Ao que parece Manoel andava bastante: morava em uma casa no Saco dos Limões, na Ilha de Santa Catarina, e tinha uma chácara em São José, com árvores frutíferas, das quais possivelmente ele colhia frutos e os vendia para poder se manter.

Que tal descobrir um pouco mais da trajetória de Manoel?

Em Leia Mais você encontrará documentos históricos que trazem pistas de como era o cotidiano de Manoel no século XIX. Seu desafio será escrever uma narrativa que conte a sua história. (ROVARIS, 2018)

Manoel é nosso protagonista para o estudo do conceito experiência. Este é, de fato, um conceito complexo e que, assim como a identidade no caso de Augusto, pode ser aplicado para qualquer um de nossos personagens. Podemos afirmar, também, que este conceito abrange todos os outros que serão estudados: identidade e identificações, vínculos de solidariedade, liberdade, estratégia, negociação.

Afinal, como define Thompson (1981), a experiência é o arcabouço de práticas e vivências que dão significado ao modo de ser, pensar e viver de um sujeito. Em outras palavras, são as experiências que nos fazem ser quem somos. Por exemplo: se entendemos por identificação um processo no qual construímos nossa identidade, seja por meio de discursos de outrem ou do significado que atribuímos a certos termos, nele estão presentes relações de poder, conflitos e até mesmo práticas de nosso cotidiano que se referem a determinadas categorias. É parte de nossa experiência.

Para que os alunos investiguem e apontem o significado deste conceito, a proposta de estudo com a trajetória de Manoel tem três etapas. Em cada uma, o usuário é convidado a ler os documentos da Arrecadação de Bens do personagem com um olhar atento, buscando indícios de sua experiência na cidade de Desterro para além do que está registrado.

Item comum aos processos de arrecadação de bens é uma listagem dos pertences do sujeito após seu falecimento. Com Manoel não seria diferente. Ele mesmo está representado nesta página com dois pertences seus (a viola e a imagem de Nossa Senhora da Piedade), sentado em um banco. Novamente, o próprio desenho do personagem pode servir para uma primeira problematização em sala de aula.

Assim, a proposta para os estudantes é que eles criem um inventário com estes bens e descrevam quais seriam seus possíveis usos. Roupas, calçados e móveis podem nos parecer insignificantes para visualizar as experiências de Manoel. Mas o objetivo é instigar os alunos a imaginarem o dia a dia deste personagem que, sem dúvida, conquistou estes objetos com mais dificuldade que um cidadão que tinha origem, procedência, cor e condição diferente da sua.

Mas nem todos os bens arrecadados de Manoel eram tão comuns assim: a ele também pertenciam uma viola em bom estado e uma imagem de Nossa Senhora da Piedade. Será que Manoel tocava bem este instrumento? Para diversão ou somente em ocasiões especiais? Era instrumento de trabalho? E quanto à imagem da santa: era um homem de devoção? Será que fazia promessas para alcançar algum objetivo? Para isto não temos respostas. Porém, é verossímil apontarmos estas possibilidades.

O intuito desta primeira etapa é que os estudantes percebam que indivíduos como Manoel, mesmo vivendo em um contexto escravista e sujeitos a todo tipo de violência por conta do estigma da cor e de sua procedência, ainda carregavam consigo sonhos, desejos; riam e choravam, rezavam e faziam festas. Não estavam fadados ao que lhes era imposto. Mais uma vez entra em cena o professor ou professora com um toque de sensibilidade: desenvolver a habilidade de estar atento as experiências que nos rodeiam, seja no passado ou no presente.

A segunda etapa traz um depoimento de Bernardo Luiz de Espindula, de quem Manoel havia comprado uma chácara no município de São José. Além de conter as medidas do terreno, uma avaliação feita posteriormente da propriedade indicou que a mesma possuía árvores frutíferas. O usuário terá acesso ao trecho da documentação que contém esta avaliação, para que descubra que árvores eram estas. Em seguida, poderá refletir: qual seria a importância desta chácara para nosso personagem? Ao cruzar informações com as trajetórias de Francisco e Antonio, o estudante poderá estar mais próximo de uma resposta. Por fim, a proposta sugerida é criar um desenho que represente Manoel em sua chácara, que depois poderá ser utilizado para a construção da narrativa.

A terceira e última etapa contém informações do local de moradia de Manoel, com o objetivo de mostrar ao estudante que sua casa era distante do centro de Desterro e da chácara que havia comprado. Para isto, há um mapa com os nomes das principais ruas e uma explicação indicando por onde poderia seguir para encontrar o Saco dos Limões, onde ele residia.

Mais uma vez, será necessário que o estudante navegue até os outros pontos do site para relacionar as informações e presumir as possíveis experiências de Manoel. Além disto, esta etapa traz uma pista do provável meio de locomoção deste sujeito pela região, pois um trecho do seu inventário informa que o *preto de nacionalidade africana* havia sido encontrado afogado na baía de Desterro, por ter desviado sua canoa do caminho do porto.

Vários indícios e rastros foram deixados pelos documentos. Com a mediação do professor, a investigação das fontes selecionadas e um olhar de detetive, alunos e alunas poderão contar uma narrativa sobre a trajetória de Manoel.

Antonio e o conceito de Liberdade

Antonio foi um africano que viveu na cidade de Nossa Senhora do Desterro, que hoje é chamada de Florianópolis, na metade do século XIX. Em determinado momento de sua vida, não sabemos afirmar quando, conquistou sua **liberdade**. O que significava esta palavra para um homem que havia atravessado o oceano Atlântico, para viver no Brasil na condição de escravizado e, provavelmente por anos, lutar para ser um homem livre novamente? Vamos descobrir. (ROVARIS, 2018)

É desta forma que o usuário é apresentado para a proposta didática com a trajetória de Antonio. A palavra liberdade pode parecer para a maioria de nós demasiada abstrata e dependente da interpretação individual de cada um. É possível que ela também o fosse para aqueles que viviam no século XIX. Todavia, a liberdade para Antonio, Manoel, Francisco e Augusto também significava práticas e costumes do seu dia a dia, até como uma identificação.

É a partir desta abordagem que as etapas de investigação da trajetória de Antonio foram elaboradas. Desta forma, a primeira pista da documentação que elencamos é composta por trechos diversos, nos quais as autoridades ou conhecidos se referem especificamente ao personagem. Em todas elas, a palavra *liberto* acompanha seu nome. O estudante deverá ser instigado a problematizar este fator. Aliado a isto, poderá se dirigir ao encontro de Augusto e descobrir mais sobre o significado desta identificação.

A segunda etapa traz mais informações sobre Antonio, acompanhadas de breves considerações nossas. A primeira refere-se ao trecho do seu processo de arrecadação de bens

no qual um conhecido de nosso personagem afirma que dele comprava café, mas não tinha certeza se o produto era plantado nas terras que ele possuía. A segunda apresenta a lista de bens pertencentes a Antonio, incluindo um par de sapatos e vinte três braças de terra na região do Cacupé.

Duas pistas surgem abaixo para guiar um olhar crítico dos estudantes em relação às fontes: uma acerca do indício do uso de sapatos para denotar a condição de liberdade; outra informando que possuir terras naquela época era sinal de distinção social, uma vez que pessoas na condição de escravizadas pouco acesso tinham a compra de terrenos, já que elas mesmas eram consideradas juridicamente como propriedades de alguém. O objetivo desta etapa é que o estudante identifique práticas e costumes que, provavelmente, um homem como Antonio só teria se estivesse em condição de liberdade.

Aliado à esta associação, o professor ou professora pode narrar histórias em que figurem estratégias, táticas ou negociações de sujeitos diversos no período. Este fator evidencia que além das relações de poder e imposições de uma sociedade escravista, a agência de pessoas comuns como Antonio, também, determinava seus rumos na história. Ter propriedade, portanto, poderia ser um sinal de liberdade e como ele usufruía esta distinção conquistada, possivelmente, por meio de uma carta de alforria.

Como uma continuação desta etapa, segue-se a terceira. O estudante já descobriu que Antonio possuía terras na região do Cacupé. Agora, vai conhecer o local onde ele morava na cidade de Desterro, se era próximo ou não de sua propriedade. Um mapa acompanha o texto, com a indicação de que por ali Francisco também possuía uma morada.

Nesta parte há um pequeno texto explicando como a ilha de Santa Catarina estava dividida e quais eram as principais características de dois de seus espaços: a Freguesia de Nossa Senhora do Desterro e a Freguesia de Santo Antonio. Na primeira, nosso sujeito morava junto com o cidadão Duarte Teixeira da Costa, e na segunda localizavam-se as terras que ele podia chamar de suas.

A partir destes rastros, sugerimos ao estudante que imagine qual era o ofício de Antonio e descreva um dia de trabalho do mesmo. A documentação não nos traz esta resposta. Mas ela nos dá indícios e permite interpretações possíveis com o contexto estudado. É com esta habilidade, tão cara à pesquisa histórica, que pretendemos complexificar o pensamento histórico de alunas e alunos.

A quarta etapa apresenta uma parte da rede de relações de Antonio em Nossa Senhora do Desterro. Possivelmente, os vínculos de solidariedade que havia estabelecido proporcionaram uma melhora na sua condição de vida: Antonio criava táticas e estratégias com diferentes pessoas pela cidade.

Seguindo as etapas e pistas fornecidas, o estudante poderá construir uma narrativa na qual Antonio e o significado da liberdade sejam protagonistas.

Francisco e o conceito de Vínculos de Solidariedade

Francisco de Quadros é o nosso representante do conceito de vínculos de solidariedade. Tal escolha foi feita por termos encontrado na documentação várias evidências dos laços que construiu na cidade de Desterro, fossem em virtude do seu comércio ou da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. As primeiras pistas desta história, portanto, o estudante já encontra na apresentação de nosso personagem:

Francisco foi um africano que viveu na cidade de Nossa Senhora do Desterro, que hoje é chamada de Florianópolis, na metade do século XIX. Não sabemos dizer quando ele chegou ao Brasil. Como você deve imaginar, ele teve que reescrever sua história: construir uma família e trabalhar para sobreviver. Assim como outros homens e mulheres vindos da Costa da África, Francisco criou **vínculos de solidariedade** em Desterro, para que pudesse viver melhor. (ROVARIS, 2018)

Para a compreensão do conceito negrito, as duas primeiras etapas da investigação da trajetória de Francisco trazem informações acerca dos locais por onde ele circulava e qual era o seu ofício: de quitandeiro. Estas têm como objetivo que o estudante analise o quanto as negociações do personagem e o seu trabalho como vendedor poderiam influenciar na rede de relações que construiu na cidade. Obviamente, sabemos que não eram somente estes os fatores que resultavam em vínculos de solidariedade. Mas é preciso ir por partes.

O usuário será instigado a fazer uma análise de comparação entre a obra ali presente com o texto que apresenta as informações sobre o personagem. A gravura intitulada *Quitadeiras da Lapa (1819-1820)* é do pintor Henry Chamberlain, que assim como Debret, passou um tempo no Brasil⁸. Imaginar o cotidiano de Francisco de Quadros faz parte do processo de construção da narrativa.

A terceira etapa apresenta dados de batismo nos quais Francisco aparece como padrinho. A relação com as etapas anteriores é realizada por meio das seguintes indagações: Você notou que Francisco provavelmente mantinha uma rede de relações com homens que tinham

condições diferentes das suas? Será que estes vínculos possibilitavam a Francisco viver melhor na cidade de Desterro?

Os dados apresentados referem-se a africanos ou africanas batizados pelo personagem. Se as etapas anteriores tinham como objetivo problematizar os vínculos que Francisco tinha com pessoas de condição e origem diferentes das suas; esta tem o propósito de levantar questionamentos acerca da importância da construção de laços entre aqueles que apresentavam a mesma procedência, ainda que a condição fosse outra. Para visualizar melhor esta rede de relações, é proposto que o estudante crie um esquema com os vínculos identificados por meio da documentação disponível.

A quarta etapa apresenta informações sobre um espaço fundamental na trajetória de Francisco: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Ali o estudante terá acesso a uma breve explicação do seu significado. Em seguida, uma obra do pintor Debret datada de 1828, que retrata uma reunião da irmandade na Igreja do Rosário, permite ao usuário fazer comparações entre o que observa e as novas pistas acerca daquele personagem: foi juiz da Irmandade nos anos de 1844, 1848 e 1850, cargo mais importante da instituição, sendo que participava como Irmão desde 1841, pelo que conseguimos localizar.

O professor-mediador pode trazer questionamentos aos estudantes para que reflitam melhor sobre este conceito e as informações retiradas dos documentos: qual a importância do batismo para nossa sociedade? Qual o significado da palavra solidariedade? O que são laços afetivos? Como as relações que mantemos com os outros influenciam nossas experiências ou o cotidiano?

Além de pensar historicamente sobre o seu presente, os alunos poderão compará-lo com as narrativas do passado, percebendo-o como um universo de experiências possíveis e diversas, traçadas por sujeitos, inclusive pelo renomado Francisco de Quadros.

O Porto de Desterro: último ponto de navegação

O último ponto do site *Narrativas sobre a Diáspora Africana* é estratégico para compreender as trajetórias de todos os outros personagens, assim como era estratégico o espaço que o intitula: o porto de Desterro.

O porto era palco de transações e negociações comerciais, de onde alguns moradores tiravam seu sustento, mas também local de conexão de Desterro com o mundo atlântico. Ali

andavam pessoas com diversos costumes e origens, entre eles, sem dúvida, africanos ou africanas como Manoel, Antonio, Francisco e Augusto.

Desta forma, esta página traz um documento do Conselho Ultramarino português, datado do século XVIII, no qual há uma avaliação da importância da Ilha de Santa Catarina ter um porto que abastecesse as naus que por ali passassem⁹.

Assim como os pontos que se referem aos personagens desta história, este também traz algumas pinturas que retratam a movimentação do porto do Rio de Janeiro. Consideradas as diferentes proporções entre um porto e outro, é provável que em Desterro, africanos e seus descendentes também protagonizassem como atores neste cenário, seja vendendo produtos ou carregando as embarcações, como no caso de Augusto. São estes os sujeitos presentes naquelas obras.

A professora ou professor pode trabalhar em sala de aula com mapas e pinturas da Ilha de Santa Catarina, instigando os estudantes a investigarem como era viver neste espaço no século XIX. Na página de orientações há algumas referências para aprofundamento do tema.

O site *Narrativas sobre a Diáspora Africana* ainda conta com uma página de Orientações e Referências, que tem como objetivo apresentar principalmente para professoras e professores qual é a proposta deste instrumento didático. Serve como um guia de orientação para a construção das narrativas sobre Augusto, Antonio, Francisco e Manoel em sala de aula.

Por meio de um texto, explicamos as principais categorias a serem trabalhadas: Diáspora, identidade, liberdade, experiência e vínculos de solidariedade. Julgamos serem estes os mais importantes para a compreensão da trajetória de nossos sujeitos naquele contexto. No entanto, é possível abordar outros conceitos, fazendo diferentes leituras dos mesmos documentos, como estratégia, táticas e viver sobre si.

Após a explicação segue uma lista de sugestões de leitura, para que a professora ou professor possa se aprofundar na temática ou, ainda, propor novos usos das atividades ali elencadas. A maioria das referências colocadas podem ser acessadas pela internet, desta forma disponibilizamos os links para uma busca mais rápida.

Sugerimos, ainda, quatro sites relacionados para pesquisa e atividades em sala de aula que também apresentam propostas nas quais o estudante aparece como centro da aprendizagem, sendo ele quem constrói conhecimento histórico por meio da investigação e análise de documentos e textos variados.

Por fim, finalizamos a página salientando que o papel do professor ou da professora como mediador/a é fundamental para o processo de aprendizagem. Evidentemente, o site foi elaborado para ser um instrumento didático com o qual os estudantes desenvolvem seu pensamento histórico. Mas é o papel do professor que fará a diferença na compreensão ou problematização daquilo que não foi possível observar ou apreender sozinhos.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo apresentar o desenvolvimento de um site educativo que contém propostas pedagógicas e possibilidades de trabalhar com a construção de narrativas de trajetórias individuais em sala de aula, mais especificamente de africanos que viveram em Santa Catarina no século XIX. Neste site, os sujeitos protagonistas estão em rede, conectados por vários aspectos entre si, sendo possível construir narrativas e dar significado ao que está sendo estudado, a partir de um clique no mouse.

A ideia principal do site é que professores e alunos possam caminhar pelas redes de relações construídas por estes sujeitos do passado e identificar suas experiências. No entanto, o caminho a ser percorrido dependerá de quem está na frente do computador, pois ele poderá fazer conexões diversas a partir das possibilidades ali apresentadas.

Contar narrativas faz da disciplina de História uma oportunidade na qual os estudantes percebem o passado como um conjunto de experiências possíveis. Ao trazermos para sala de aula trajetórias individuais, os conceitos substantivos e de segunda ordem, tão necessários para a construção do conhecimento histórico, se tornam mais concretos. As trajetórias de Augusto, Manoel, Antonio e Francisco nos trazem inúmeras possibilidades de como trabalhar tais conceitos em sala de aula. Este texto apresenta algumas delas. Mas, sem dúvida, o professor ou professora que fizer uso do site educativo Narrativas sobre a Diáspora Africana, encontrará em seus estudos outras formas de abordar os mesmos conceitos.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaio de teoria da história. Bauru: EDUSC, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143 -180
- _____. *Retórica de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 80-99.

- HALL, Stuart. Pensando a Diáspora. In.: SOVIK, Liv (orga.). *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 25 – 50.
- MORTARI, Claudia. *Os africanos de uma vila portuária do sul do Brasil: criando vínculos parentais e reinventando identidades. Desterro, 1788/1850*. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- ROVARIS, Carolina Corbellini. *Narrativas sobre a Diáspora Africana*, 2018. Site educativo com propostas didáticas para trabalhar em sala de aula a trajetória de sujeitos. Disponível em <<https://trajetoriasdadiaspora.com.br/>> . Acesso em 26 set. 2019.
- RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem histórica em narrativas de jovens brasileiros. *Revista Tempos Históricos*. Volume 12, 1º semestre, 2008, p. 81-96.
- _____. Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é esta? In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, Fortaleza: 2009. *Anais eletrônicos*: Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/ANPUH.S25.pdf>>
- SERRES, Michel. Polegarzinha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- OTTO, Clárcia. História(s) nos anos iniciais da educação básica: experiência, memória e narrativa. In: SILVA, Cristiani Bereta da; ZAMBONI, Ernesta (orgs). *Ensino de História, memória e culturas*. Curitiba: Editora CRV, 2013, p. 169-190.

Recebido em 30/09/2019.

Aceito em 10/11/2019.

¹O termo *africano*, é um conceito moderno, construído para se referir a uma imensa variedade de povos do continente africano e aqueles que foram levados pelo tráfico para outros espaços geográficos. É, portanto, uma categoria genérica muito utilizada no século XIX para se referir a estes sujeitos, como explica a professora Claudia Mortari (2007).

² As fontes pesquisadas se encontram nas instituições de Florianópolis: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Arquivo Histórico de Município de Florianópolis e o acervo da Irmandade do Rosário. O conjunto de fontes era variado: inventários *post mortem*, testamentos, processos de tutoria, de pecúlio e de liberdade, registros de batismo da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, atas de reunião da irmandade do Rosário.

³ Stuart Hall (2003) define Diáspora como um movimento de deslocamento territorial e, também, de transformação cultural do sujeito, de redefinição de pertencimento, de constituição de identidades/identificações. O sujeito diaspórico tem uma sensação constante de ressignificação de valores, práticas e sentimentos pois eles são, a todo o momento, mutáveis e reconfigurados a partir de conjunturas históricas e geográficas que se cruzam. É neste tempo e espaço que os sujeitos deste trabalho se encontram.

⁴ Jörn Rüsen (2001) afirma que a consciência histórica compreende o modo simbólico de processar o conjunto de informações reunidos no saber histórico para se orientar na temporalidade do passado, presente e futuro. Todo pensamento histórico é resultado de uma articulação da consciência histórica.

⁵ Não é objetivo deste trabalho fazer uma discussão acerca dos conceitos encontrados na documentação ou trabalhados na sua análise. Para aprofundamento, ler a dissertação, cujo este trabalho é um recorte: ROVARIS, Carolina Corbellini. **Narrativas sobre a diáspora africana no ensino de história: trajetórias de africanos em Desterro/SC no século XIX**. 141 p. Dissertação (Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa

Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2018. Disponível para download:

<https://www.academia.edu/40331897/Narrativas_sobre_a_Di%C3%A1spora_Africana_no_Ensino_de_Hist%C3%B3ria_trajet%C3%B3rias_de_africanos_em_Desterro_SC_no_s%C3%A9culo_XIX>

⁶ Claudia Mortari (2007) ao estudar e analisar mais de cinco mil registros de batismo da Catedral de Nossa Senhora do Desterro, correspondentes à primeira metade do século XIX, concluiu que o termo *preto* pode significar para além da cor. Esta característica, neste caso, implica em uma identificação social para estes sujeitos, nos quais origem e condição jurídica estão interligadas. A cor preta geralmente correspondia à condição de escravizado ou liberto. No entanto, é possível que remetesse à procedência dos sujeitos no caso específico de africanos ou africanas. Já o termo mina refere-se à Costa da Mina, região correspondente à África Ocidental, local de procedência de nosso sujeito.

⁷ Iohana Brito de Freitas discute em sua dissertação de mestrado em História Social obras de diversos pintores que estiveram no Brasil e retrataram africanos, africanas e seus descendentes. Objetiva identificar e compreender o olhar construído sobre estes sujeitos acerca do outro. Uma das obras analisadas é esta a qual nos referimos. Para maior aprofundamento nesta questão, ver: FREITAS, Iohana Brito. **Cores e olhares no Brasil Oitocentista: os tipos de negros de Rugendas e Debret**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal Fluminense. 2009. Disponível em:

<http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2009_Iohana_Brito_de_Freitas-S.pdf>. Acesso em 17 Jul. 2018.

⁸ O banco comparativo de imagens Warburg do Centro de História da Arte e Arqueologia da UNICAMP pode ser utilizado como instrumento de pesquisa para o professor ou aluno sobre obras de diferentes artistas. Ele também apresenta biografias destes pintores, que podem auxiliar a compreender o seu olhar sobre o outro que representam. A gravura mencionada no texto está disponível neste site: <<http://warburg.chaa-unicamp.com.br/artistas/view/1470>>. Acesso em 18 Jul. 2018.

⁹ Este documento foi reproduzido da tese: SANTOS, André Luiz. **Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. p. 233. Aliás, nesta referência, a leitora ou leitor poderá se aprofundar na história do espaço onde viviam Augusto, Francisco, Manoel e Antonio.